

**Resumo:** O homem nasce dependente e permanece dependente por muito tempo. Adulto, terá tendência para repetir situações de dependências. A independência total é uma ilusão. Só um processo de individuação permite aceitá-lo. A dependência é uma relação triangular em que intervêm o dependente, o provedor, e o objecto desejado. Há prazer na dependência. O prazer de um desejo saciado. Algumas crenças e práticas religiosas ensinam a molestar os desejos. Outras ensinam a libertar-se deles. As crenças religiosas oferecem uma satisfação ao desejo de dar um sentido à vida e à morte. Oferecem uma *provenção*. Instala-se entre elas e os fiéis uma relação de dependência que pode ser saudável ou traumatizante. As instituições religiosas, por seu lado, não gostam dos homens livres.

Quando as crenças e práticas religiosas deixam de responder à necessidade dum sentido da vida, o homem torna-se um homem sem identidade. A decadência das civilizações sobrevem à decadência das crenças. Mas, depois do outono da decadência surge sempre a primavera dum jorro espiritual.

**Résumé:** L'homme naît dépendant et le reste longtemps. Adulte, il aura tendance à répéter des situations de dépendance. L'indépendance totale est une illusion. Seul un processus d'individuation permet de l'accepter.

La dépendance est une relation triangulaire dans laquelle interviennent le dépendant, le pourvoyeur et l'objet désiré. Dans la dépendance, il y a du plaisir. Celui d'un désir assouvi. Certaines croyances et pratiques religieuses enseignent à brimer le désir; d'autres apprennent à se libérer du désir. Les croyances religieuses apportent une satisfaction au besoin de donner un sens à la vie et à la mort. Elles offrent une pourvoyance. Elles créent une dépendance qui peut être salutaire ou traumatisante. Les institutions religieuses, elles, n'aiment pas les hommes libres.

Quand les croyances et les pratiques religieuses ne répondent plus au besoin d'un sens de la vie, l'homme devient un homme sans identité. La décadence des civilisations suit la décadence des croyances. Mais après l'automne de la décadence survient toujours le printemps d'un jaillissement spirituel.

**Abstract:** The human being is born dependent and stays dependent for a long period. As adult he will tend to repeat situations of dependence. Total independency is an illusion. Only an individual process will make it acceptable. Dependence is a triangular relation in which the dependent, the supplier and the desired object participate. There is pleasure in depending. The pleasure of satisfying a desire. Some beliefs and religious practices teach how to molest desires. Others teach how to break free from them. Religious beliefs satisfy the desire of giving a meaning to life and death. They offer a prevention.

Between them and the believer a relation of healthy or traumatising dependence settles down. Religious institutions don't like free men.

When beliefs and religious practices stop answering to the need of a giving a meaning to life, the human being loses identity. The decay of civilisations causes the decay of beliefs. But, after the Autumn of decay the Spring of a spiritual jet always succeeds.

## Dependência e Religião<sup>(1)</sup>

Claude Tannery

Em 1327, Mestre Eckart<sup>(2)</sup> termina o seu último sermão com esta frase: "Meu Deus, libertai-me do desejo de Deus, para que eu aceda à Divindade". Por si só, esta frase, que contém o verbo "libertar" e a palavra "desejo", resume a maior parte dos problemas que encontramos quando reflectimos sobre as relações que podem existir entre as religiões e a dependência. Talvez esta seja uma das razões pelas quais a Inquisição e o Papa João XXII condenaram os ensinamentos do Mestre Eckart.

Em 30 minutos<sup>(3)</sup> não é possível, evidentemente, evocar todos os problemas de dependência, ou de independência, que podem nascer de uma crença e de uma prática religiosas, e seremos obrigados a limitarmo-nos.

### A dependência não é uma doença, é um estado do ser vivo.

Deve-se, no entanto, começar por lembrar que o homem é por natureza um ser dependente. O filhote de homem nasce dependente e permanece dependente por mais tempo do que o filhote de outras espécies animais. Desde o nascimento até uma idade bastante avançada, o filhote de homem instala-se em compulsões de dependência. Quando adulto terá tendência para recriar, para repetir situações de dependências. Por outro lado, para viver, o homem precisa de relações com os seus semelhantes e com o mundo. Ele é dependente dessas relações e Francis Hofstein (2000) tem razão quando escreve: "a dependência não é uma doença, é um estado do ser vivo".

A independência total é uma ilusão, tanto para os indivíduos como para as instituições e nações. O filme *Inteligência Artificial* de Spielberg mostra o que pode acontecer quando se cria um *robot* que tem emoções, sentimentos e que, uma vez programado, se torna independente daqueles que o conceberam. Se criação houver, a criatura não pode, sem risco, ser independente do seu criador.

## A individuação

Jung, ao descrever as três etapas do processo de individuação, mostrou que o objectivo a atingir não é uma hipotética independência, mas antes uma aceitação do facto de que a independência não possa ser absoluta. As três etapas desta individuação foram correlacionadas por alguns com as três pessoas da Trindade cristã (Santíssima Trindade). Durante a etapa da indiferenciação, o psiquismo identifica-se com o seu grupo social ou familiar. É a idade do Pai. Durante a etapa de libertação, o psiquismo distancia-se da autoridade paternal e da afeição maternal e parte à conquista da sua própria personalidade. É a idade do Filho. Na etapa de individuação o psiquismo aceita plenamente que a sua independência não seja absoluta e que tenha de se submeter à realidade o que lhe permite fazer um retorno à totalidade. É a idade do Espírito Santo. Sabemos também que uma individuação plena e inteira é difícil de construir e que raramente é atingida.

A nossa época tem tendência para dar uma conotação pejorativa à dependência, o que é um erro. Para nos persuadirmos disso, basta pensarmos na solidariedade que é uma relação de dependências recíprocas. Existem dependências saudáveis.

## O dependente, o provedor e o objecto desejado

A dependência é uma relação triangular em que intervêm o dependente, aquele ou aquilo de quem ou de que ele depende, que em geral se denomina provedor, e o objecto desejado cuja privação se faria sentir. Adoptaria de bom grado a definição da dependência dada por Albert Memmi (1993): “uma relação constrangedora, mais ou menos aceite, com um ser, um objecto, um grupo ou uma instituição, reais ou mentais, e que depende da satisfação de uma necessidade”.

Somos dependentes porque acreditamos na eficácia do provedor e na satisfação que retiraremos do objecto desejado. Por outras palavras, somos dependentes porque temos uma certa visão mental do provedor. Criamos uma certa imagem, uma certa representação do provedor e é porque trazemos em nós essa imagem que aceitamos ser dependentes do provedor e receber dele o objecto desejado.

## A provenção tem sempre um preço

Mas não existe *provenção*, ou seja acção de prover, gratuita mesmo quando o provedor, Deus por exemplo, é concebido como um ser sobrenatural ou transcendente. A *provenção* tem sempre um preço que é preciso pagar ou então merecer pelos seus actos. Uma dependência sem inquietude que estaria ligada a uma *provenção gratuita* seria o paraíso. Esta observação ajuda-nos a compreender a razão porque o homem, que de bom grado se representa a sua dependência como embrião e depois como recém-nascido como uma dependência sem inquietude, é um ser que sonha com o paraíso perdido e espera que um dia o paraíso seja reencontrado.

A figura tipo do provedor ideal é a da mãe de quem o recém-nascido é totalmente dependente mas ignorando ainda a sua dependência. Depressa o recém-nascido irá aprender a diferenciar-se da mãe e a sentir a sua dependência, mas a primeira recordação permanecerá, o que explica porque é que os cultos mais antigos eram dedicados a uma Deusa Mãe e porque é que no catolicismo o culto à mãe de Deus parece por vezes levar vantagem em relação ao culto dedicado ao seu Filho.

## Molestar os desejos ou libertar-se dos desejos

O objecto recebido do provedor traz a satisfação de uma necessidade. É essa a razão por que o dependente aceita a relação que o liga ao seu provedor, mesmo quando esta relação é constrangedora. Há prazer na dependência. O prazer de uma necessidade satisfeita, o prazer de um desejo saciado, mesmo que a saciedade não dure. Face ao desejo, que é o germe da dependência, encontramos duas grandes famílias de crenças e de práticas religiosas. Por um lado, as crenças e as práticas que ensinam a dominar, até mesmo molestar os desejos; é o caso, por exemplo, do catolicismo, do islão e do judaísmo. Por outro lado, as crenças e as práticas que ensinam a libertar-se do desejo, não a reprimi-lo mas a não mais o sentir; é o caso, por exemplo, do Budismo, do Taoísmo e do Zen. Esta diferença pode explicar, em parte, a atracção que as religiões do Extremo Oriente exercem sobre os Ocidentais cansados de reprimir incessantemente os seus desejos sem conseguirem libertar-se verdadeiramente deles.

## A necessidade duma resposta

A primeira necessidade do homem é a de se sustentar para manter a vida. A sua segunda necessidade é a de encontrar respostas às perguntas que a sua dependência lhe coloca, ou melhor que lhe colocam todas as suas dependências. Sente-se dependente do tempo que o encaminha para a morte. Sente-se um grão de areia num universo que existia antes dele e que existirá depois dele. Pergunta-se qual o significado da sua vida. Eu devia ser mais prudente na minha formulação. É verdade que responder a estas perguntas representa a segunda necessidade do homem das sociedades históricas, as que se desenvolveram há 5 ou 6000 anos, mas não parece que esta necessidade tenha existido nas sociedades tradicionais, a que dantes se chamava sociedades primitivas. Lévy-Bruhl (1963) mostrou quanto os homens destas sociedades viviam sob uma *Lei de Participação*. Hoje, todos sabemos que os homens destas sociedades tradicionais, tanto as do Brasil ou da América do Norte como as da Austrália, da Oceania ou de África, procuravam viver em harmonia com o universo que viam como um todo indivisível em que todos os fenómenos são ligados entre si numa cadeia ininterrupta. Para esses homens o problema do significado da vida, tal como o temos, não existia e era mesmo impensável.

Para o homem das sociedades históricas, responder a estas perguntas é uma necessidade imperiosa, uma necessidade que ele deve satisfazer mesmo correndo o risco de encontrar uma nova dependência. Uma dependência, já não do universo, mas uma dependência das respostas que aceitou.

## As crenças religiosas como resposta

Para um indivíduo que atribua muita importância à sua pessoa, que se considere único e que considere que deve dominar a natureza, a morte desta pessoa única, a sua morte, é um escândalo, salvo se se lhe der um sentido. As crenças religiosas oferecem este sentido, suprem o desejo de dar um sentido à vida e um sentido à morte.

Espero não ter chocado ninguém ao pronunciar estas palavras. Dizer que as crenças religiosas satisfazem a necessidade, o desejo de um sentido, não exclui que seja um Ser supremo, um Deus, e não exclui que os textos sagrados possam ser a transcrição de uma Revelação. Mesmo que

um Deus seja e mesmo que os textos sagrados sejam a transcrição de uma Revelação, continua a ser verdade dizer que as crenças religiosas, ao darem um sentido à vida e à morte, satisfazem uma necessidade imperiosa do homem e suprem o desejo de saber o que ele é.

Todos os textos sagrados são narrativas simbólicas que explicam a origem do universo, a origem do homem, o seu papel na terra e o seu destino depois da morte. Todas as crenças religiosas inscrevem o particular na totalidade, instalam o parcial no universal. Também todas respondem à questão colocada pela morte propondo uma visão do Além, do pós-morte. Uma crença religiosa responde à angústia da morte com a esperança de uma sobrevivência ou de uma salvação.

## O homem é o fruto da sua crença

A Bhagavad-Gita,<sup>(4)</sup> que quer dizer "O cântico do Senhor" afirma: "O homem é o fruto da sua crença. Tal como ele se crê, assim é". Poderíamos acrescentar: e assim se comporta. Ao proporcionar ao homem uma resposta universal, as crenças religiosas e as práticas que delas resultam, proporcionam também ao homem um código de conduta. Dizem-lhe como deve organizar as suas relações com o outro, como deve organizar as suas dependências. As religiões asseguram assim a coesão social, o que era simples nas sociedades em que havia uma cultura dominante, uma religião dominante, mas torna-se complicado nas sociedades pluriculturais em que coexistem várias religiões. E é tanto mais complicado que, sabemo-lo agora, as ideologias políticas não podem facultar uma coesão social tão forte como a que tinha sido facultada pelas religiões.

Este papel social das religiões, que tanto agradava a Voltaire,<sup>(5)</sup> explica o papel político que tiveram, que ainda têm, as instituições religiosas. Temos dificuldade em nos lembrarmos que a separação do espiritual e do temporal é recente, cerca de um século e meio, e que sempre até ali o temporal era o braço secular do espiritual. Transpusemos a separação há pouco tempo e temos dificuldade em admitir que outras sociedades não o tenham feito, e que, nessas sociedades, o chefe espiritual seja ainda o inspirador do chefe temporal.

## As crenças religiosas como provedor

Se retomarmos os termos da análise que tínhamos feito

no início, podemos dizer que o homem encontra nas crenças religiosas um provedor que lhe faculta o objecto desejado: as respostas às questões que ele se põe. A todos aqueles que tiverem dificuldade em aceitar esta noção de dependência do crente, lembrarei a expressão “a Nossa Mãe, a Igreja” e o facto de que a mãe seja a figura tipo do provedor ideal. Lembrarei também a fórmula “Fora da Igreja, não há salvação” que, infelizmente, foi recentemente utilizada e que exprime uma ligação de dependência total. É normal que, ao satisfazer uma necessidade, um desejo, as crenças religiosas e as práticas que as exprimem, instalem entre elas e os fiéis uma relação de dependência. Alguns disseram mesmo que os ritos religiosos são cerimónias destinadas a obter as boas graças do provedor. Então, se esta dependência é normal, como é normal a do filhote de homem em relação à mãe, o que nos deve importar é a natureza e as características dessa dependência.

### **As religiões escolas do constrangimento e da ascese, e as religiões escolas da autonomia**

As instituições religiosas têm como missão gerir as crenças e as práticas. São elas que dizem como devem ser lidos os textos fundadores e como os fiéis se devem comportar na vida quotidiana. São elas que vão dar os contornos e cores à dependência na qual vive o fiel. Chegamos aqui ao ponto mais delicado da nossa reflexão, pois faz aparecer que, ainda mais do que as crenças, são as instituições religiosas que vão fazer com que a dependência do fiel seja ou uma dependência saudável ou, pelo contrário, uma dependência traumatizante.

No Islão, a dependência do fiel não será da mesma natureza se ele for sufi ou chiita. No catolicismo, a dependência será diferente se se praticar a religião do coração dos franciscanos ou a religião do dogma dos antigos dominicanos. Lutero<sup>(6)</sup>, ao instituir a confissão directa a Deus, queria favorecer uma certa independência do fiel em relação ao clero. Queria instaurar uma religião do coração em vez de uma religião do medo. Queria colocar a vida moral do cristão, não sob o reino do constrangimento moral e do medo do castigo, mas antes sob o reino da espontaneidade e da alegria. A árvore, dizia Lutero, não é obrigada a produzir o bom fruto; ela produz espontaneamente o bom fruto porque é uma boa árvore.

Para se libertar do velho homem e para fazer nascer o novo homem, o catolicismo ensina ao cristão o respeito pelo dogma e a prática de uma moral, feita sobretudo de interditos e de constrangimentos. Para chegar à iluminação, o budismo ensina a romper a espiral desejo-apego-dependência. Por um lado encontramos religiões que, sob a influência das instituições que as dirigem, são sobretudo escolas do constrangimento e da ascese. Por outro lado, encontramos religiões que são escolas da autonomia. É o caso do Budismo, do Hinduismo, do Taoísmo e do Zen. As crenças e as práticas das sociedades tradicionais proporcionavam uma escola da comunhão.

### **As instituições religiosas não gostam dos homens livres**

Infelizmente, somos forçados a constatar, na história do Próximo Oriente e do Ocidente, que tanto as instituições religiosas como as instituições sociais ou políticas, não gostam dos homens livres, ou seja dos homens que conseguiram fazer o seu processo de individuação e encontram assim uma certa libertação em relação às instituições. Até aqui o homem foi educado para ser dependente e para permanecer na dependência daqueles que o governam, o dirigem ou o ensinam. Esta desconfiança das instituições religiosas em relação ao homem livre é manifesta na atitude das igrejas e dos clérigos perante os místicos que conheceram o êxtase ou receberam aparições. O místico, que o é sempre pelo coração e não pela razão, estabelece um contacto imediato com o seu deus. Um contacto imediato, ou seja um contacto sem mediação e nomeadamente sem a mediação do clérigo. A experiência do místico, se se tornasse contagiosa, poderia diminuir a autoridade do clérigo e a dependência do fiel. Enquanto for possível, o êxtase deve ser negado e a aparição recusada. Apenas a pressão dos fiéis conseguirá que sejam finalmente reconhecidos e aceites.

### **A cristalização das identificações com um modelo**

Todas as práticas religiosas se baseiam em imagens simbólicas e em identificações com um modelo. Esta identificação, normalmente, deve ser apenas um processo

provisório que permita ao indivíduo construir-se e regenerar-se. Acontece muitas vezes que esta identificação, em vez de ser um meio e de ser provisória, torna-se um fim em si e cristaliza de forma duradoura. Nesse caso a dependência do fiel em relação ao modelo com o qual se identificou, torna-se uma dependência traumatizante e compulsiva.

Mas a situação pode tornar-se ainda mais grave quando o fiel, que tinha aderido a uma crença religiosa para encontrar respostas às questões que se punha sobre si próprio, sobre o universo e sobre a vida, deixa de encontrar na sua prática religiosa as respostas que precisava. Ao traumatismo da sua dependência em relação à instituição religiosa, vem juntar-se o traumatismo de uma necessidade fundamental insatisfeita e de um desejo não saciado. Entra num estado de privação. Torna-se um homem sem amanhã, sem perspectiva. Sente o vazio abrir-se diante dele. Homem sem identidade, torna-se também um homem sem código de conduta, sem um código que lhe permita gerir as suas dependências dos outros e do mundo. E se esse homem viver numa época como a nossa que exacerbou as necessidades e os desejos, uma época que, com a especialização do trabalho e de todas as actividades humanas, diminuiu as possibilidades de auto-suficiência e multiplicou as dependências da vida quotidiana, esse homem, sem código de conduta para gerir as suas dependências, sente o mais terrível dos cansaços, “o cansaço de ser ele próprio”.

## O outono da decadência e a primavera do jorro espiritual

A nossa época não é a primeira a conhecer uma situação destas. A Roma decadente já a tinha vivido. E compreende-se que certas sociedades ainda religiosas não desejem imitar este exemplo, mesmo que não se aprove os meios que empregam para escapar.

Sabemos que, à decadência de Roma, se sucedeu um longo período de barbárie. Pode-se dizer então que as perspectivas são negras? Não acredito pois há a hipótese de um jorro espiritual, a hipótese da eclosão de uma nova espiritualidade. Os jorros espirituais são sempre imprevisíveis. Ninguém tinha previsto Confúcio, Buda, Jesus, Maomé. Mas, no outono, sob o húmus das folhas mortas em decomposição, já é possível sentir que se prepara

a seiva que vai nutrir a próxima primavera. Por todo o lado, à nossa volta, manifestam-se sinais. Algumas pessoas chamam-lhes uma renovação do religioso. Outras chamam-lhes uma Nova Era. Só os nossos sucessores lhes poderão dar um nome. Mas desde já podemos presenciar duas grandes linhas dessa primavera. Em primeiro lugar a ecologia que, pouco a pouco, voltará a colocar o homem numa cadeia de dependências saudáveis com todo o universo e ensinar-lhe-á a participar na vida do universo em vez de procurar dominá-la. Camus<sup>(7)</sup> escreveu: “Se o homem se lembrasse de que também o universo pode sofrer, o homem e o universo reconciliar-se-iam”. Ele tinha razão. Segunda linha: a libertação da necessidade de dar um sentido à vida. Um homem e uma mulher que conhecem um verdadeiro amor não procuram dar um sentido ao amor, não têm necessidade de encontrar qual é o sentido do amor. Procuram com gestos simples da vida quotidiana manifestar o amor, torná-lo manifesto. O homem, se se libertar da necessidade de dar um sentido à vida, libertar-se-á de uma das suas dependências mais poderosas e tornar-se-á capaz de gerar vida com a vida, de manifestar a vida. As suas crenças serão então completamente diferentes e não podemos procurar imaginá-las. A crisálida não pode imaginar a borboleta em que se tornará depois da sua metamorfose. ■

*Claude Tannery*

*Doutor em Letras (Universidade La Sorbonne Nouvelle).*

*Doutor em Ciência Política (Universidade Paris-le-Panthéon).*

*Professor Titular reformado de Antropologia da Religião*

*Tradução de Alice Marques*

---

### Notas

(1) Comunicação de Claude Tannery no VII Encontro do SPTT, “Cultura e Dependências”, 6 e 7 de Dezembro de 2001, Forum Cidade da Maia.

(2) Místico e teólogo alemão [1260-1327]

(3) Vide nota 1.

(4) Bhagavad-Gita: Poema religioso (em forma de diálogo) do Hinduísmo. A grande mensagem deste poema é que Deus pode ser conhecido melhor e alcançado pelo homem, através da devoção de O amar.

(5) Escritor e filósofo Francês [1694-1778].

(6) Impulsionador da REFORMA Alemã [1483-1546].

(7) Escritor Francês (1913-1960).

## Referências Bibliográficas

- Eckhardt, Maître (1995). *Traité et Sermons*. Paris: GF Flammarion.
- Hofstein, Francis (2000). *Le poison de la dépendance*. Paris: Seuil.
- Lévy-Bruhl (1963). *Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive*. Paris: PUF.
- Memmi, Albert (1993). *La dépendance*. Paris: Gallimard.

---

## Bibliografia Selectiva

- Delumeau, Jean (2000). *Que reste-t-il du paradis?* Paris: Fayard.
- Diel, Paul (1994). *Le symbolisme dans la mythologie grecque*. Paris: Payot.
- Dumézil, Georges (1995). *Mythe et Épopée, I, II, III*. Paris: Gallimard.
- Eliade, Mircea (1991). *Histoire des croyances et des idées religieuses, tomes I, II et III*. Paris: Payot.
- Evans-Pritchard, E. E. (2001). *Des théories sur la religion des primitifs*. Paris: Payot
- Jung, C. G. (1954). *Métamorphoses de l'âme et ses symboles*, Librairie de l'Université, Georg et Cie, Genève.
- Jung, C. G. (1963). *L'homme à la découverte de son âme*. Paris: Payot.
- Jung, C. G. (1994). *Réponse à Job*. Paris: Buchet/Chastel.
- Lenoir Frédéric et Masquelier Ysé T. (1997). *Encyclopédie des Religions, tomes I et II*. Paris: Bayard.
- Lévi-Strauss (1974). *Anthropologie structurale*. Paris: Plon.
- Markale, Jean (1997). *La grande déesse, mythes et sanctuaires*. Paris: Albin Michel.
- Morin E. et Piatelli-Palmarini M. (1978). *L'unité de l'homme, tome 3: Pour une anthologie fondamentale*. Paris: Seuil.
- Valabrega, Jean-Paul (2001). *Les mythes conteurs de l'inconscient*. Paris: Payot.
- Morris, Brian (1995). *Introducción al estudio antropológico de la religión*. Barcelona: PAIDOS.
- Valabrega, Jean-Paul (2001). *Les mythes conteurs de l'inconscient*. Paris: Payot.